

RELIGIÃO, FAMÍLIA E IMAGINÁRIO ENTRE A JUVENTUDE DE MINAS GERAIS ¹

Fátima Regina Gomes Tavares
Marcelo Ayres Camurça²

Resumo: Este artigo contém alguns resultados de uma pesquisa ampla realizada em forma de *survey* aplicado a estudantes do ensino médio da rede pública do estado de Minas Gerais. A partir dos indicadores extraídos da base de dados da pesquisa busca-se detectar as preferências e pertencimentos religiosos destes jovens e os rebatimentos destes nos seus valores e crenças. Circunscritos a um recorte geracional, os dados aqui analisados podem contribuir também para traçar um panorama atual das tendências em jogo no campo religioso brasileiro. Podem também fornecer um olhar mais refinado para os estudos acerca do segmento juvenil, compondo uma zona de interseção entre “antropologia da religião” e “antropologia da juventude”.

Palavras-chave: Religião, juventude, família, imaginário.

Abstract: This article contains some results of wider research carried out through surveys applied to middle school students in the public education system in the state of Minas Gerais. The religious preferences and affiliations of these young people was found from the indicators extracted from the research database, as well as the affects of these on their values and beliefs. Restricted to generational viewpoint, the data analyzed here could also contribute to sketching a current panorama of the trends now taking effect in the Brazilian religious field. It may also provide a sharper view upon youth studies in the intersection between “anthropology of religion” and the “anthropology of youth.”

Keywords: Religion, youth, family, imaginary.

Introdução

Pode-se situar a introdução do tema da *religião* nos estudos sobre *juventude* no bojo de um “alargamento” desta categoria³. De um foco inicial da juventude como segmento da classe média urbana e universitária com o imaginário centrado na política (Poerner, 1967, Ianni, 1968, Foracchi, 1972) chega-se a um reconhecimento da diversidade empírica do “campo”, com

outras modalidades de “ser jovem” em suas experiências, crenças e comportamentos: como o consumo, a sexualidade, a música, a estética e a violência. (Abramo, 1994, Vianna, 1997, Diógenes, 1998, Minayo, 1999, Abramovay, 2002, Dayrell, 2002).

No estudo pioneiro de Regina Novaes (1994) que incorpora a dimensão da religião ao tema da juventude, apesar da abertura do recorte, o objeto padece ainda de um “afunilamento”, destacando-se apenas a juventude estudantil universitária. No entanto, esta amplitude de perspectiva abre a abordagem da *religiosidade* para um segmento, que nas análises anteriores era apenas identificado sob o crivo da *política*. Ressalve-se também que nesta abordagem a juventude universitária nunca foi tomada como paradigma de “juventude”, mas apenas um “espaço” de encontro de tendências sociais contemporâneas com uma apropriação geracional singular, mas representativa.

Estudos posteriores dessa autora (Novaes, 1999, 2003) ampliam o enfoque para as manifestações culturais de determinados subconjuntos da juventude, como o *hip-hop*, em contexto específico de exclusão e violência, mas que atravessam e agregam outras “juventudes” que, embora vivendo em contextos de classe média, partilham da mesma conjuntura social e simbólica. Em outros estudos (Novaes, & Mello, 2002) montados em pesquisa de opinião sobre a totalidade de jovens de grandes metrópoles, a autora revela para além das clivagens sociais e culturais amplos espaços de *interseção* em termos de experiências geracionais, sociais e culturais.

Desta maneira, um conjunto dos trabalhos que vem formando o campo de estudos de “juventude e religião” não escapa das tensões e articulações interpretativas do campo de estudos da juventude em geral: ênfase de um lado nos marcos geracionais e de outro na pluralidade de experiências de “ser jovem”. Acrescenta ainda a esta nova área de estudos questões cruciais ao campo de estudos da religião: como o do papel da religião na modernidade e no Brasil, a questão da secularização e do sincretismo com todo seu corolário.

O artigo que apresentamos a seguir faz parte dessa seqüência de estudos, que se inicia com a pesquisa pioneira de Regina Novaes sobre religião e política entre alunos de Ciências Sociais, tendo como seguimento a pesquisa coordenada por Carlos Alberto Steil e Sonia Herrera, do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS, em universidades do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais⁴, que introduziu de forma marcante esta temática nos fóruns acadêmicos das Ciências Sociais no país, como a ABA, a RAM e as Jornadas⁵.

O presente texto tem por objetivo apresentar alguns resultados de uma pesquisa sobre religião e juventude em Minas Gerais iniciada em agosto de 2003 com o apoio da FAPEMIG e do programa de bolsas BIC-UFJF e PIBIC-CNPQ ⁶ e em colaboração com a professora Léa Freitas Perez e sua equipe na UFMG.

A pesquisa visou detectar, dentre outros indicadores, as preferências religiosas desta juventude estudantil mineira por sexo, cor, distribuição geográfica, seus valores e suas crenças. Para tal foi aplicado um *survey* em 11.481 alunos da rede pública de Minas Gerais, acoplado ao Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE) da Secretaria de Educação do Estado, que visa avaliar a situação da educação no Estado. O questionário contou com oitenta perguntas estruturadas em cinco blocos: caracterização socioeconômica, pertença religiosa, valores morais e política. O questionário foi aplicado em escolas distribuídas em cinco pólos de Minas Gerais: Zona da Mata, Capital, Centro-sul, Triângulo Mineiro e Norte.

O universo geral dos estudantes pesquisados apresenta as seguintes características: feminino (59,1% mulheres e 40,9% homens) e branco (47,9% brancos, 31,5% negros, 12,6% pardos). Predomina um perfil típico dos estudantes secundaristas: faixa entre 17 e 19 anos, solteiro, sem filhos, morando com os pais. Contudo, nota-se uma vinculação expressiva ao *mercado de trabalho* (43% trabalham, 18,5% desempregados, 22,2% donas de casa e 36,2% só estudam). Isto nos leva a concluir que sendo estudantes da rede pública, oriundos de classes com menos poder aquisitivo, tem então a necessidade de trabalhar. No entanto, não interrompem seus estudos, o que os faz eleger o binômio: trabalho-escola como valor importante para a vivência da juventude, como demonstraremos a frente.

Pertença religiosa

No que se refere à escolha religiosa, a quase totalidade dos estudantes afirma ter religião (94,9%) contra apenas (5,1%) de “sem religião”. Dentre a maioria dos estudantes com religião, embora haja a presença de um leque de opções religiosas, em termos quantitativos verifica-se uma preponderância do catolicismo (79,4%), seguido de longe pelos protestantes (7,7%), do pentecostalismo (6%), dos espíritas (2,4%), do candomblé-umbanda (0,3%) e de outros (4,3%). Isto significa que em Minas Gerais, neste segmento juvenil, o catolicismo tende a preservar o seu caráter de religião majoritária, reproduzin-

do-se numa escala ainda superior a média dos católicos no estado (79,4% de estudantes católicos superior a 78,9% da média geral dos católicos).

Estes dados nos fazem inferir que em Minas Gerais ocorre uma *resistência* católica à tendência geral de alterações na hierarquia do campo religioso nacional, onde se verifica uma queda percentual do catolicismo acrescida do crescimento das religiões evangélicas e do aumento dos “sem-religião”. Nesta direção, vale lembrar que em Minas, a queda percentual do catolicismo é menor (14,2%) que a média nacional (15,4%) e que a presença dos “sem religião” – um dos fenômenos de mais evidência no último censo – no estado é incipiente (4,2% da população) em relação à média nacional (7,3%) ou em comparação com a do Rio de Janeiro, o estado com mais “sem-religião” (15,5%) do país.

Ainda na perspectiva de situar a pertença religiosa dos jovens mineiros numa escala de comparação com outras realidades (juvenis) brasileiras, fizemos o cotejo de nossos dados com aqueles coligidos pela antropóloga Regina Novaes na sua pesquisa “*Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*” publicada em *Comunicações do ISER*, nº 57⁷. Uma visada geral deste cotejo conclui por uma polaridade no comportamento religioso destes dois grupos de jovens, funcionando quase como antípodas um do outro.

Tabela 3

Distribuição das religiões entre estudantes mineiros e jovens cariocas

%	Estudantes mineiros	Jovens cariocas
Católicos	79,4	51,9
Pentecostais	6,6	14,2
Protestantes	7,7	4,4
Espíritas	2,4	6,3
Religião - Afro	0,3	1,8
Sem-religião	5,1	21,2

Verifica-se de fato uma acentuada polaridade entre os dois grupos, em que os jovens cariocas acompanham as tendências do seu estado, quais

sejam, a queda do catolicismo e o avanço dos evangélicos e “sem-religião” e os estudantes mineiros resistem a esta tendência de acordo com a dinâmica existente no seu estado, mantendo a preeminência dos católicos e reduzindo a taxas pequenas os “sem religião”. Note-se que as tendências em ambos os estados ultrapassam a média nacional, tanto para o pólo da “exacerbação” (7,3% de sem-religião na média nacional e 15,5% de sem religião no Rio) quanto para o da “resistência” (73,8 % de católicos na média nacional e 78,9 % de católicos em Minas).

Indo mais além nessa mesma direção, chamamos a atenção para uma maior *radicalização* em ambos os grupos jovens com relação às tendências gerais dos seus próprios estados, seja para afirmar uma ainda maior adesão ao catolicismo, no caso dos estudantes mineiros, seja para afirmar uma também maior adesão aos “sem-religião”, no caso dos jovens cariocas.

Ainda em outra comparação pode-se sugerir a forte reprodução do catolicismo enquanto religião majoritária entre estes estudantes de Minas Gerais, na contramão de indicadores que apontam um declínio do catolicismo entre jovens das principais metrópoles do país. Trata-se da pesquisa do *Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (CERIS)*, instituto assessor da CNBB, sobre a presença do catolicismo nas principais metrópoles do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). O gráfico que relaciona a idade com a religião mostra que em todas as faixas etárias há mais católicos que não-católicos, exceto na faixa de 18 a 25 anos, onde a proporção se inverte, donde se pode deduzir um declínio na reprodução de católicos justamente nas faixas mais jovens. No entanto, em nossa pesquisa a média dos nossos jovens católicos pesquisados (79,4%) é superior a soma das médias de jovens de outras religiões (20,7%). Também para o caso da metrópole contemplada na nossa pesquisa, Belo Horizonte, temos que, embora a taxa média de estudantes católicos caia para 67,4% (em relação ao número absoluto da pesquisa de 79,4%) ainda assim ela é superior a soma das médias dos jovens das outras religiões (32,5%)⁸.

Além disso, quando pai e mãe não são católicos e o filho adota outra religião, a principal escolha reside sobre o catolicismo⁹. Observamos também que o maior poder de reprodução de religião dos pais nos filhos situa-se entre os católicos: 93% de pais católicos têm filhos católicos¹⁰.

Com isto, podemos afirmar que no caso destes estudantes da rede pública de Minas Gerais, a situação inverte-se em relação ao processo identificado pelo antropólogo Ronaldo de Almeida, que ao examinar, sobre bases estatísticas o transito religioso em São Paulo, configurou o catolicis-

mo como um “doador universal”¹¹. No nosso caso o catolicismo mantém uma taxa de reprodução entre os jovens acima de 90% e ainda é a principal escolha de filhos de pais não católicos que optam por outra religião.

Distribuição Geográfica

Quanto à distribuição geográfica das religiões destes jovens, verifica-se também que o catolicismo é amplamente superior às demais religiões em todas as regiões.

No entanto, ao cruzar a filiação religiosa com as cidades e suas faixas populacionais constata-se que a Igreja Católica conserva força nas cidades menores (88%) e vai perdendo influência na medida em que a população aumenta, chegando ao seu menor percentual em cidades acima de 500 mil habitantes (68,1%)¹². Ao passo que nas demais religiões o movimento é inverso, estas tem suas principais áreas de influências nas cidades de mais de 500 mil habitantes.

Tabela 4
Religião por tamanho da cidade

Religião	Tamanho da cidade			
	Até 20 mil	+ de 20 à 50 mil	+ de 100 à 500 mil	Acima de 500 mil
Católica	88	81,9	73,5	68,1
Protestante	5,2	6,2	9,9	11,4
Pentecostal	2,8	5,8	8,2	8,7
Espírita	0,9	2,2	3,1	4,5
Candomblé/ Umbanda	0	0,1	0,5	0,7
Outras	3	3,9	4,8	6,6

Se formos discriminar os índices de concentração na população por religião podemos afirmar: que os católicos estão mais concentrados na região centro-sul e estão menos concentrados na região de Belo Horizonte, ao passo que os evangélicos (protestantes + pentecostais) encontram-se mais presentes na capital do que nas demais regiões do estado.

Se compararmos, proporcionalmente, as religiões entre si, no que tange a suas presenças nas regiões, identificamos que os pentecostais encontram-se majoritariamente na capital (55%). Comparativamente, também, as demais religiões alcançam em relação aos católicos seu maior percentual na capital, por exemplo, a concentração de pentecostais é 90% superior que a de católicos em Belo Horizonte¹³.

Diferentemente da capital, na região centro-sul os católicos superam as demais religiões em termos de concentração. Na região norte os índices de maior concentração estão entre os protestantes (22,4%) seguidos pelos católicos (18%). No Triângulo destacam-se, proporcionalmente, as religiões mediúnicas (espíritas com 28,5% e afro 27,6%) contra os católicos (8,6%) e os pentecostais (6,4%). Na Zona da Mata há uma distribuição equitativa de todas as religiões no seu território¹⁴.

Perfil da juventude

a) Sexo

Como afirmamos anteriormente, o universo feminino é mais religioso que o masculino, entretanto, é interessante observarmos que no catolicismo, ao contrário das demais religiões, existe uma pequena diferença percentual em favor dos homens. Dado esse confirmado nos números levantados pelo Atlas de Filiação Religiosa para o universo geral de católicos no país.

Vale observar, a diferença mais acentuada entre mulheres e homens ocorre na religião pentecostal (o universo feminino é 29% maior que o masculino).

b) Cor

A declaração de católico foi maior entre os brancos (82%) do que entre todos os jovens que se consideram representados por outros perfis

étnicos¹⁵. Não obstante, dentro os que se declaram adeptos do espiritismo, os brancos estão mais representados (55,6%), possuindo o menor número de negros (10,3%).

Também a declaração de católico foi maior entre os negros (75,4%) seguido pentecostalismo (8,6%). No entanto dentre os adeptos do candomblé-umbanda o percentual de negros é maior (22%), seguido dos adeptos do pentecostalismo com um percentual de (17,6%) de negros.

c) Classe

Observa-se entre católicos e protestantes pouca variação na sua presença entre as quatro classes consideradas (alta, intermediária e baixa) (índice socioeconômico com variáveis disponíveis na ABIPEME). Entre os jovens pentecostais, sua concentração é menor na classe mais alta, e entre os jovens espíritas observa-se tendência inversa, quanto mais alta é a classe, maior é a sua presença.

Acrescentamos uma análise acerca do índice de escolaridade dos pais também como forma de medir a presença destes jovens entre as diversas classes sociais estipuladas. Entre os jovens protestantes existe pouca variação entre a escolaridade dos pais na distribuição pelas classes. Já entre os jovens espíritas, quanto maior a escolaridade dos pais, maior sua presença (categoria “nunca estudou”: 1,7%). Entre os jovens pentecostais o maior percentual de pais está entre aqueles com escolaridade relativamente baixa (categorias “nunca estudou”: 6,7% ; “ensino fundamental”: 5,8% ; “faculdade”: 3,6%).

Entre os jovens católicos apresenta-se um problema quando o percentual diz respeito ao grau de escolaridade do pai. Estes se concentram na faixa de escolaridade mais baixa, mas quando diz respeito à mãe é maior a faixa que se concentra no nível universitário (81,1%; 80,6% “ensino fundamental”).

Transmissão religiosa e centralidade da família

No que se refere à religião dos pais, também observamos uma alta taxa de pertença religiosa semelhante à dos estudantes, e também de altos percentuais de católicos, como apresentado na tabela abaixo.

Tabela 5
Religião dos pais

Religião dos pais	Pai	Mãe
	Porcentagem	Porcentagem
Católico	75,6%	82,3%
Protestante	4,8%	8,4%
Pentecostal	3,6%	6,4%
Espíritas	2,0%	2,6%
Candomblé/umbanda	0,5%	0,3%
Outras	8,0%	-
Sem religião	5,5%	-

Observa-se que não somente os pais são religiosos como também parecem exercer grande influência na escolha da religião dos filhos. Assim, a importância da escolha da religião pela influência dos pais em comparação com a opção “motivos pessoais” constitui um indicador da centralidade da família na transmissão religiosa entre os jovens mineiros.

Essa transmissão religiosa também pode ser observada na pesquisa “Jovens do Rio”. Entre os jovens do Rio, 58,1% responderam que a família determinou a escolha da religião. Em Minas Gerais, 61,1% dos jovens devem sua escolha religiosa à influência dos pais, contra 31,5% que responderam “motivos pessoais”. Esses são dados que apontam para a importância da família, mas que também revelam a presença de outras influências nessa transmissão religiosa (na pesquisa “Jovens do Rio”, mais de 40% apontaram outras “influências” na escolha religiosa).

Por outro lado, esse índice de transmissão religiosa sofre variações quando discriminamos a influência da família pela religião declarada dos jovens. A influência dos pais ocorre mais intensamente entre os que se declararam católicos (67,5% contra 27,8% de motivos pessoais). Já nas de-

mais religiões declaradas ocorre a tendência inversa: os motivos pessoais variam de 44% a 50% contra 36% a 38% aproximadamente para a influência dos pais, como se pode depreender na tabela abaixo.

Tabela 6
Quem mais influenciou a sua escolha pela sua religião

	Meus pais	Outros parentes	Amigos	Pessoas religiosas	Motivos pessoais
Católica	67,5%	1,2%	2,1%	1,4%	27,8%
Protestante	37,4%	6,0%	8,5%	3,8%	44,3%
Pentecostal	37,6%	5,5%	8,1%	4,5%	44,3%
Espírita	36,8%	6,2%	4,5%	2,1%	50,4%
Candomblé/ Umbanda	24,0%		4,0%	8,0%	64,0%
Outras	36,2%	6,0%	9,7%	4,4%	43,8%

A importância dessa transmissão religiosa também varia significativamente de acordo com a escolha religiosa dos pais. O pai ter ou não religião é um dado importante na conformação religiosa do filho: quando o pai não tem religião é que se observa o maior índice de jovens sem-religião (20%). O maior percentual de respondentes que declararam ter religião é encontrado quando o pai é católico. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 7
Religião do Pai X Religião do Filho

	Sim	Não
Católica	97,1%	2,9%
Protestante	91,7%	8,3%
Pentecostal	95,5%	4,5%
Espírita	92,2%	7,8%
Candomblé/ Umbanda	96,4%	3,6%
Não tem religião	80,0%	20,0%
Outras	87,1%	12,9%

O catolicismo, enquanto religião hegemônica, no que diz respeito à juventude estudada, se reveste de forte vitalidade no âmbito da vida familiar. Se aprofundarmos as correlações apresentadas acima, verifica-se que quando os pais são católicos é que se observa o maior índice de transmissão religiosa: acima de 90% dos filhos declararam-se católicos. Pode-se notar ainda que quando os pais são protestantes tem-se o segundo maior índice de filhos sem-religião (aproximadamente 10%). Numa comparação com os “Jovens do Rio” percebem-se diferenças acentuadas no âmbito da transmissão religiosa: entre os jovens da nossa pesquisa são os católicos que mais seguem a crença da mãe (94,5%); entre os jovens cariocas, os evangélicos é que mais seguem a crença da mãe (71,4% entre os protestantes e 60,2% entre os pentecostais).

Tabela 8
Qual a religião do seu pai x Qual é a sua religião

	Católica	Protestante	Pentecostal	Espírita	Candomblé/ Umbanda	Outras
Católica	91,5%	3,1%	2,1%	1,4%	,1%	1,7%
Protestante	19,8%	73,0%	4,1%	,8%	,2%	2,1%
Pentecostal	11,9%	4,0%	78,3%	,5%	,3%	5,0%
Espírita	44,0%	6,0%	2,0%	44,5%	1,0%	2,5%
Candomblé/ Umbanda	54,0%	12,0%	10,0%	4,0%	16,0%	4,0%
Não tem religião	46,8%	18,9%	15,9%	5,7%	,2%	12,5%
Outras	54,0%	8,2%	7,5%	1,7%	,4%	28,1%

Tabela 9
Qual a religião da sua mãe x Qual é a sua religião

	Católica	Protestante	Pentecostal	Espírita	Candomblé/ Umbanda	Outras
Católica	94,5%	2,0%	1,2%	1,1%	,1%	1,1%
Protestante	19,3%	73,7%	3,0%	,9%		3,1%
Pentecostal	13,8%	3,6%	76,5%	,6%		5,5%
Espírita	35,3%	2,0%	1,6%	56,7%	1,2%	3,2%
Candomblé/ Umbanda	40,0%	16,0%			44,0%	

Dos jovens que declararam ter religião, a esmagadora maioria (83,1%) mantém-se na primeira escolha e os 16,9% restantes mudaram de religião (na pesquisa “Jovens do Rio”, 17,3% declararam ter mudado de religião). Dentre aqueles que mudaram de religião, os principais motivos alegados para a troca foram “a nova religião trouxe paz e felicidade” (43,9%), seguido da “doutrina da nova religião” (31,1%). Quando perguntados sobre a época em que foi feita a nova opção religiosa, verificamos que os índices de mudança de religião aumentam à medida que se recua no tempo. Assim,

observamos a menor percentagem entre os que se converteram há menos de um ano (20,7%) e a maior entre aqueles com mais de cinco anos na nova religião (34,5%).

Tabela 10
Há quanto tempo você está na nova religião x
Quem mais influenciou a sua escolha pela sua religião

	Meus pais	Outros parentes	Amigos	Pessoas religiosas	Motivos pessoais
Um ano ou mais	17,9%	7,5%	13,9%	7,5%	53,2%
Mais de um ano	16,6%	7,8%	16,3%	7,2%	52,1%
Mais de três anos	20,8%	6,8%	14,7%	4,1%	53,6%
Mais de 5 anos	36,6%	4,3%	7,3%	3,4%	48,4%

Como podemos observar, a importância dos pais na escolha da nova religião é maior para conversões mais antigas (com mais de cinco anos). Considerando que os nossos entrevistados situam-se na faixa que vai dos 17 aos 19 anos, pensávamos encontrar maior incidência entre os recém-convertidos, o que favoreceria a hipótese de que os jovens encontram-se mais propensos a realizar uma opção pessoal de mudança em relação à religião familiar. Essa hipótese, no entanto, não se confirmou: nós vamos reencontrar o peso da família ao recuarmos no tempo para avaliar o contexto em que se deu a mudança de religião. Assim, a partir dos dados apresentados, podemos sugerir que no restrito grupo dos que se converteram a uma outra religião, muitos deles podem tê-lo feito no contexto de uma mudança familiar.

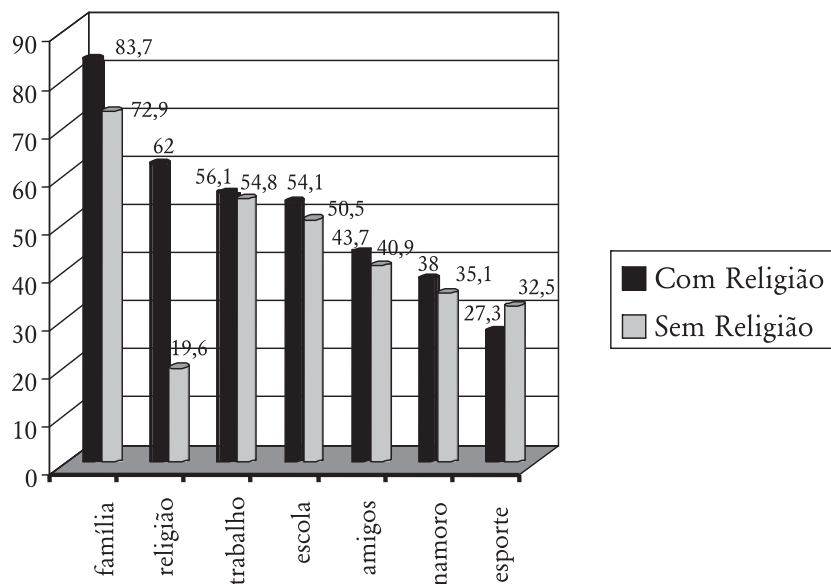
Ainda sobre a importância da família

A força da família reafirma-se novamente quando questionamos sobre a importância que certas instituições, hábitos e rotinas exercem em suas vidas. Subseqüentemente à importância da *família*, apresenta-se em ordem decrescente: a *religião*, o *trabalho*, o *estudo* e, nos últimos postos, os

amigos, o *namoro* e o *esporte*. Assim, define-se aqui a possibilidade de relativização das teses de “moratória social” e de “moratória vital”¹⁶ (suspensão de responsabilidades e obrigações sociais em favor de uma liberdade para fruir a vida) enquanto uma categoria de caracterização da juventude. Nossos jovens estudantes fogem a ela ao afirmarem a importância de hábitos que pressupõem “vínculos” sociais em detrimento da idéia de se “aproveitar a vida”.

No conjunto de questões que procurou medir hierarquicamente o valor de várias instituições sociais, observamos a importância da família, da escola e do trabalho, tanto entre os “com” como entre os “sem” religião (a religião, portanto, não parece constituir um forte apelo para o fortalecimento dessas instituições).

Gráfico 3
Valores entre os “com” e “sem” religião

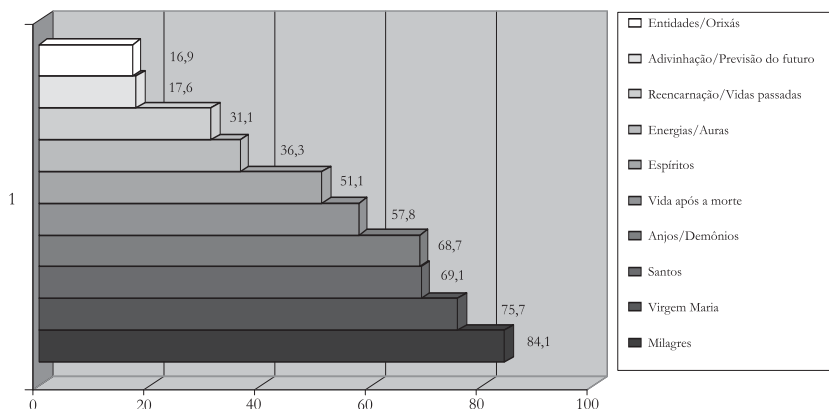


Evidencia-se, assim, o perfil de uma juventude que se constitui e se reconhece nos espaços tradicionais de reprodução de valores e costumes (como a família, a escola e o trabalho), mesmo considerando-se as atuais transformações na esfera familiar. No entanto, podemos considerar que essa juventude assimila e conjuga a força da tradição familiar, recriando-a na medida em que adquire novos valores e costumes na sua experiência em outros espaços sociais, o que pode ser observado nas opiniões acerca de questões relativas à moral e à ética corporal (virgindade, homossexualidade, aborto, etc.).

O imaginário religioso

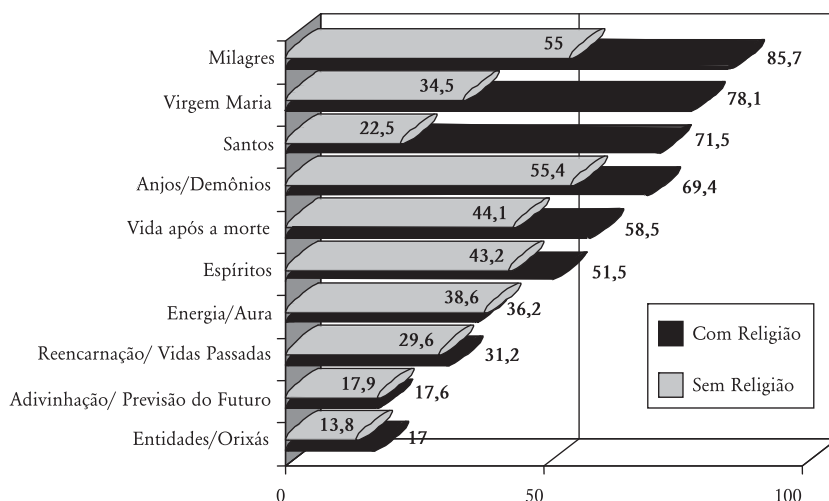
Abordando o campo das crenças, percebemos que esses jovens possuem um imaginário tipicamente católico, porém transbordando os limites dessa instituição¹⁷, caracterizando-se por uma certa porosidade institucional. Dessa forma, sugerimos que, ao menos no que diz respeito ao imaginário religioso, esses jovens são mais abertos e tolerantes.

Gráfico 4
As crenças dos nossos jovens



Caracterizando um movimento mais amplo de “empréstimos mútuos” no terreno das crenças religiosas, a nossa pesquisa indicou que estas crenças têm extrapolado as fronteiras institucionais características das religiões estabelecidas. Assim, por exemplo, entre os que se declaram sem-religião (4,1%) a quase totalidade dos respondentes afirmou acreditar em Deus (87,3%).

Gráfico 5
Crenças entre os “com” e os “sem” religião



Pretendemos, então, explorar um pouco mais esse universo de crenças comparando o imaginário dos jovens “com” e “sem” religião.

Podemos observar através dessa comparação que:

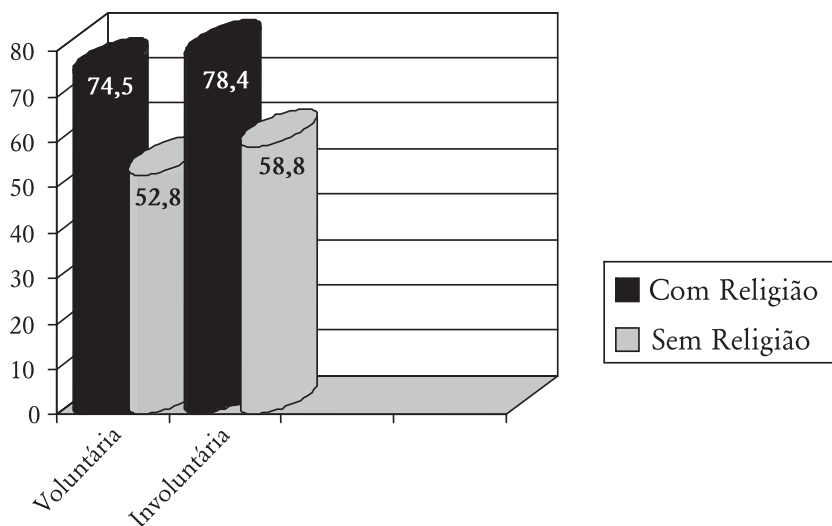
a) imaginário rico e diversificado entre os “sem” religião;

b) imaginário dos “sem” religião é menos católico (Virgem Maria e Santos ocupam posições inferiores), mas também pouco permeável a outras crenças religiosas (Entidades/orixás ocupam a última posição em ambos os grupos), bem como ao imaginário comumente designado por Nova Era” (Energia/aura na quinta posição; Adivinhação/previsão do futuro em penúltimo lugar, mesma posição entre os “com” religião)

Ao analisarmos a ética religiosa do conjunto dos estudantes pesquisados através de suas percepções acerca do pecado, observamos que, para a grande maioria, o pecado não corresponde a uma invenção religiosa para controle dos homens, mas é visualizado como uma desobediência voluntária à vontade de Deus e possível de ser cometido mesmo sem o intuito de fazê-lo. Percebemos, então, que Deus povoa o imaginário religioso desses jovens como uma figura austera e onipotente, o que se confirma ao constatarmos a admissão da possibilidade de intervenção divina no curso sócio-histórico do mundo.

A interferência do “sobrenatural” no mundo também é percebida entre os “sem” religião. Assim, a crença de que o demônio ou alguma entidade do mal possa se apossar do corpo e do espírito é partilhada por 58,5% dos “com” religião e de 53,4% dos “sem” religião. A crença no pecado também é partilhada pela maioria de ambos os grupos, apresentando os seguintes percentuais:

Gráfico 6
Pecado entre “com” e “sem” religião



Observamos, ainda, grandes semelhanças entre os dois grupos quanto à questão que mede a “interferência” de Deus no curso da história. Assim, a concordância com a afirmação “Deus manda em tudo o que acontece no mundo” é partilhada por 38,9% dos “com” religião e 36,8% dos “sem” religião; a afirmativa “Deus só intervém em ocasiões graves e especiais” também obteve índices próximos: 35,2% dos “com” religião e 39,7% dos “sem” religião”. Já a afirmativa “Deus não interfere na história é partilhada por 24,3% dos “com” religião e 22,8% dos “sem” religião. No entanto, ao considerarmos o poder da mediação institucional das igrejas entre o “outro” mundo e “este” mundo, as reservas parecem ser grandes em ambos os grupos: quando perguntados se padres e pastores têm o poder de perdoar os pecados, a discordância foi de 63,2% entre os “com” religião e de 83,8% entre os “sem” religião.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. Religião na metrópole paulista. *RBCS*, Vol. 15, n. 56, out. 2004.
- BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisa de survey*. (trad.) Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- ABRAMO, H.W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, Mirian et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Religiosidade Moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora – MG. *Debates do Ner*, n. 2, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres & TAVARES, Fátima Regina Gomes. ‘Juventudes’ e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen*, vol.7, p.11-46, 2004.
- CARDOSO, Alexandre. & PEREZ, Léa Freitas. & OLIVEIRA, Luciana. Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude?! Um estudo comparativo sobre a adesão religiosa entre estudantes de Ciências Sociais e de Comunicação da FAFICH/UFMG. *Debates do Ner*, n. 2, 2001.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan/jun 2002.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na sociedade brasileira*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto; FERNANDES, Sílvia. *Desafios do catolicismo na cidade. Pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2002.

- IANNI, Otávio. O jovem radical. In: *Sociologia da Juventude*, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- JACOB, Cesar Romero [et al.]. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- MARGULIS e URRESTI. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- NOVAES, Regina Reyes. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISER*. n. 45, p. 62-74, 1994.
- _____. Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra. *Religião e Sociedade*, 20/1, p.65-92, 1999.
- _____. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis & Cidadãos*. Percursos de Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.181-207.
- NOVAES, Regina Reyes; MELLO, Cecília Campello A. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. *Comunicações do ISER*, n. 57, 2002.
- NOVAES, Regina Reyes. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia (Org.). *Religião e espaço público*. Brasília/São Paulo: CNPQ/PRONEX/ Attar Editorial, 2003, p.25-39.
- POERNER, Artur. *O poder jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PEREZ, Léa. Juventude Mineira: religião e valores. Texto apresentado na Mesa Redonda: Religião e Juventude: cultura, valores morais e política, XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, UFMG, de 31 de maio a 03 de junho de 2005.
- SIQUEIRA, Deis et al. Religião e esoterismo entre estudantes: um estudo comparado internacional. *Religião e Sociedade*, 22/2, 2002.
- STEIL, Carlos A.; ALVES, Daniel; HERRERA, Sonia. Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais: um perfil. *Debates do NER*, n. 2, 2001.
- VIANNA, Hermano. Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1997.

Notas

¹ Texto originalmente apresentado com o nome de “Como é ser jovem em Minas Gerais: religião, costumes, moral e política” no GT “Juventude e religião: modulações e articulações com a cultura, socialidade e política”, nas XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Porto Alegre, 27 a 30 de setembro de 2005.

² Docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brasil.

³ Ver CAMURÇA, Marcelo A. & TAVARES, Fátima G. 'Juventudes' e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen*, vol. 7, 2004, p.11-46.

⁴ O resultado da pesquisa saiu publicado em *Debates do NER* com o título "Religião, política e Ciências Sociais" e contou com artigos de Carlos Steil, Daniel Alves e Sonia Herrera, para o panorama geral. Também de Marcelo Camurça para a UFJF, de Lea Perez, Alexandre Cardoso e Luciana oliveira para a UFMG, de Bernardo Lewgoy para a UFRGS, de Luiz Inácio Gaiger para a UNISINOS e de Airton Jungblutt para a PUC-RS. Além desta pesquisa, outra que envolveu um estudo comparado entre estudantes do Brasil e da Europa foi publicada em *Religião e Sociedade* 22/2 de 2002 com o título 'Religião e Esoterismo entre estudantes: um estudo comparado internacional', assinada por Deis Siqueira, Franz Hollinger e Adriana Valle Hollinger.

⁵ O tema juventude e religião passa a ganhar visibilidade nas reuniões científicas das Ciências Sociais brasileiras na IV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) realizada em 2001 no Paraná, Curitiba, com o Simpósio 'Juventud, Ciências Sociales y Religión' quando se divulga a pesquisa coordenada pela UFRGS. Segue no Fórum de Pesquisa 'Religião e política entre os universitários', coordenado por Carlos Steil e Léa Perez na 23ª Reunião Brasileira de Antropologia em Gramado-RS em 2002 e no Fórum de Pesquisa 'Juventudes: cultura e espaço urbano, religião e política' coordenado por Léa Perez e Rosilene Alvim na 24ª Reunião Brasileira de Antropologia em Olinda, Recife, em 2004. Por fim, nas XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina compõe o GT "Juventude e religião: modulações e articulações com a cultura, socialidade e política", coordenado por Léa Perez e Carla Coelho de Andrade.

⁶ Contamos com o apoio de cinco bolsistas alunos do curso de Ciências Sociais da UFJF: Amanda Gomes Pereira, Carlos Eduardo Procópio, Corina Valente Ferreira, Rafael Pereira, Rodrigo C. de Mello R. de Carvalho. Cabe também agradecermos o professor Luiz Cláudio Ribeiro, do Departamento de Estatística (UFJF), pela assessoria e pelos esclarecimentos nas questões com respeito a demografia.

⁷ Deve-se deixar clara a desproporcionalidade existente entre as duas pesquisas para uma comparação rigorosa, o que não invalida este exercício, desde que ressalvada esta desproporção. No nosso caso trata-se de um universo restrito a estudantes da rede pública do estado de Minas Gerais, captados através de uma amostra não probabilística, ou seja, dos 11.481 estudantes que estavam em sala de aula quando da aplicação do questionário. No caso da pesquisa de Novaes, seu espectro é a juventude como um todo do município do Rio de Janeiro, e sua abrangência também visa cobrir todo esse universo através do método probabilístico, por sorteio dos respondentes numa proporcionalidade com a população juvenil dos bairros, distritos e regiões administrativas do município. Por fim, o tema da pesquisa de Novaes é bem mais amplo que o nosso, abrangendo as esferas da família, escola, trabalho, lazer, religião, sexualidade, drogas, violência, etc. No nosso caso embora o foco fosse na religião e política, apareceram também como decorrência desse recorte desdobramentos nos campos da família, escola, trabalho, sexualidade, etc. De agora em diante, essa pesquisa será referenciada neste relatório apenas com o título de "Jovens do Rio".

⁸ "Juventude Mineira: religião e valores", texto de Léa Perez (pesquisadora consorciada desta pesquisa para os dados relativos a Belo Horizonte) apresentado na mesa redonda: *Religião e Juventude: cultura, valores morais e política* no XII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado na UFMG, de 31 de maio a 03 de junho de 2005.

⁹ Entre os jovens que têm pai espírita, 44,5% são espíritas e 44% são católicos. Entre jovens que tem mãe espírita, 56,7% deles são espíritas e 35,3% são católicos. Entre jovens que têm pai pentecostal, 78,3% são pentecostais, mas 11,5% são católicos e quem têm mãe pentecostal, 76,5 são pentecostais, mas 13,8% são católicos.

¹⁰ Aprofundaremos essa questão mais adiante.

¹¹ 'Religião na metrópole paulista', RBCS, Vol. 15, n° 56, out. 2004.

¹² Esse dado confirma-se no *Atlas de Filiação Religiosa*, que detectou que, do ponto de vista demográfico, os católicos estão mais presentes nas zonas rurais que urbanas (op.cit. p.06).

¹³ Segundo o *Atlas de Filiação Religiosa*, os espaços geográficos do Triângulo Mineiro e das regiões limítrofes com o Rio de Janeiro são espaços de maior diversidade religiosa, com pouca presença de igrejas tradicionais como a católica, e maior presença das religiões mediúnicas e orientais. O espiritismo aparece com destaque, principalmente nas cidades de Uberlândia e Uberaba, no Triângulo mineiro, o que se confirma nas declarações dos estudantes pesquisados. Pode-se explicar o alto percentual de espíritas na região devido à presença do falecido médium Chico Xavier.

¹⁴ Segundo o Atlas de filiação religiosa no Brasil, a região de Belo Horizonte (acompanhada de Governador Valadares) é a que mais concentra os pentecostais em Minas Gerais. Cerca de 600 mil pentecostais vivem na capital. Estes concentram-se, em geral, na periferia das capitais (Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Vitória, etc), também em Belo Horizonte e em alguns distritos como Venda Nova, representando 15% da população. Estes indicadores se confirmam na nossa pesquisa entre os estudantes entrevistados.

¹⁵ O que também se confirma nos dados apresentados pelo "Atlas de Filiação Religiosa".

¹⁶ Tais teses são apresentadas por M. Margulis e M. Urresti (1996) como princípios norteadores da categoria juventude, percebida como uma experiência geracional comum, a despeito, por exemplo, de distinções de classe.

¹⁷ O que nos é revelado, por exemplo, pela constatação de um elevado índice de não adeptos de religiões mediúnicas que crêm em entidades, orixás, reencarnação e vidas passadas, entre outros inúmeros casos.